

PREFÁCIO A “RAÍZES DO BRASIL”

Antônio CANDIDO

Este livro, publicado faz quase trinta anos, atravessou facilmente o período mais transformador dos estudos sociais no Brasil e se tornou um clássico. Para isso houve bons motivos, pois é igualmente perfeito no estilo e preciso nas idéias. Só um historiador erudito e minucioso, mas ao mesmo tempo capaz de generalizar e descobrir as linhas fundamentais, poderia escrevê-lo, dando-lhe a eficiência que o tornou um dos estudos básicos para compreender a sociedade brasileira. Não espanta que os seus pontos de vista se tenham incorporado ao pensamento de uma geração, recebendo muitos deles a glória de se transformarem em conceitos de toda gente. À medida que o vamos relendo através dos anos, percebemos como é pouco esquemático, e como as sínteses que apresenta não parecem baseadas em modelos abstratos, mas numa capacidade surpreendente de comunicar, dentro da própria redução ao típico, o sentimento da mais viva complexidade. Nada de mecânico no arbítrio desta simplificação, necessária para que a inteligência possa apreender o real.

Assim é, por exemplo, que poucos terão sublinhado tão bem o caráter visceralmente ibérico da formação brasileira, sabendo, ao mesmo tempo, marcar o que nos diferencia do tronco lusitano, através de comportamentos e modos de ser definidores de um brasileiro, que é mais do que ser português no Novo Mundo. De maneira semelhante, estabelece os traços que separam o português do espanhol na empresa colonizadora, e que, a principiar no traçado das cidades, conferem ao nosso antepassado uma fluidez maior, que permite formas livres de acomodação. Fluidez e ponderação realista se casam no português dos descobrimentos, em parte como decorrência de estruturas sociais mais

permeáveis, e da participação das classes no universo umas das outras. Sérgio Buarque de Holanda mostra como também o brasileiro é fluido e ponderado, mas, tanto quanto o português, incluído à aventura. Não a aventura quixotesca, pouco amoldável ao nosso país sem heróis estensivos: mas aventura como tipo de apreensão da realidade, que leva a prezar no ato o que há de realização pessoal, e não o eventual resultado. Daí a predileção pelo que é vário e provisório, o que multiplica a experiência sem fixar o ser, combinada, todavia, ao gesto compensatório pelo esquema rígido, pela solução teoricamente inelutável, que pacifica a inteligência e dispensa de manipular porfiadamente e real. Pendor que este livro verifica no êxito do positivismo e na própria inclinação racionalizadora do segundo Imperador.

Nada de admirar, portanto, que o brasileiro careça do sentimento de organização, adaptando-se dificilmente à rotina que despessoaliza. O esquema existe fora, não dentro, e isto leva a aceitar, no terreno político, a imposição que assegure a estabilidade que não gostamos de conquistar individualmente e a cada hora. Esta imposição, aliás, se prefigura em certos aspectos da família, que **Raízes do Brasil** apresenta como estrutura básica de nossa formação social, estendendo os seus modelos de relação para os setores mais diversos. Aplicando, creio que pela primeira vez de maneira sistemática no Brasil, a distinção de Max Weber entre patrimonialismo e burocracia, analisa esta tendência que colore toda a nossa sociedade, exprimindo-se no plano psicológico pelo tipo humano do “homem cordial”. Não se trata, esclarece o Autor, de “homem bondoso”, mas do que empresta a todas as relações a tonalidade afetiva, mesmo quando o coração está seco. Desta maneira, os indivíduos contornam a despessoalização, que o mundo contemporâneo tende a generalizar, devido à necessidade de racionalizar o funcionamento das instituições. Esta resistência leva ao compadrio, ao nepotismo, às exceções legais, o respeito do “pistolão”, configurando um tipo humano definido, cujas formas características de contacto visam à objetividade das categorias. Mundo que, nas suas modalidades próprias, é cada vez mais burocrático e impessoal, e que o livro mostra em formação difícil no Brasil, a partir da que caracteriza como única revolução que houve aqui: a Abolição, seguida pela instalação acessória da República. Essa revolução sem violência configurada feriu o universo baseado no predomínio absoluto da vida rural sobre a vida urbana, própria do velho Brasil. A partir de então, vamos

presenciando à emergência de um outro mundo, em que os elementos de origem lusa se obliteram cada vez mais, e que se caracteriza pela consolidação trabalhosa do espírito das cidades, promotor do racional contra o patrimonial, a rotina contra a aventura, o impessoal contra o pessoal. Pouca gente viu, com a lucidez de Sérgio Buarque de Holanda, estas coisas e muitas outras, que **Raízes do Brasil** proporciona ao leitor. Isso, porque não é freqüente a capacidade de fundir, na tonalidade civilizada do ensaio, os dados mais seguros do pensamento econômico e sociológico com o discernimento psicológico, revelando de maneira tão coerente o todo e a parte, o real e o racional, a tese e a antítese, numa síntese discretamente luminosa.